

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O QUE QUERO VER

10 e 16 de dezembro de 2020

LA BELLE ÉQUIPE

UMA MULHER QUE NÃO VENCE / 1936

um filme de JULIEN DUVIVIER

Realização: Julien Duvivier / **Argumento:** Julien Duvivier, Charles Spaak / **Diálogos:** Charles Spaak / **Fotografia:** Jules Krüger, Marc Fossard / **Som:** Antoine Archimbaud / **Montagem:** Marthe Poncin / **Música original:** Julien Duvivier, Louis Potera, Maurice Yvain / **Canções originais:** Julien Duvivier, Louis Poterat / **Decoração:** Jacques Krauss / **Assistente de realização:** Robert Vernay / **Interpretação:** Jean Gabin (Jean), Charles Vanel (Charles), Aimos (Raymond), Charles Dorat (Jacques), Viviane Romance (Gina), Raphaël Medina (Mario), Micheline Cheirel (Huguette), Raymond Cordy (o bêbedo), Charles Granval (o hoteleiro), Marcel Géniat (a avó), Robert Lynen (René), Michèle Verly (a amiga de Huguette), Marcelle Yrven (a amiga de Jubette), Jacques Baumer (Jubette), Marcel Maupi, Roger Legris, Jean Marconi, Robert Ozanne, Vincent Hyspa, Palmyre Levasseur, Teddy Dargy, Franck Maurice, Paul Demange, Robert Ralphy, Jacques Beauvais, Victor Marceau, Catherine Carrey, Edith Galia, Claire Gérard, Andrée Servilange, Vyola Vareyne.

Produção: Ciné Arys Productions / **Direção de Produção:** Arys Nissotiti / **Cópia:** DCP (resultado de um restauro em 4K efectuado pelo laboratório italiano L'Immagine Ritrovata sob a supervisão da Pathé e de Christian Duviver, a partir do negativo de imagem 35 mm e do som óptico originais em nitrato e de um internegativo em nitrato), preto-e-branco, legendada em inglês e electronicamente em português, 103 minutos / **Estreia:** 17 de Setembro de 1936, em França / **Estreia comercial em Portugal:** 12 de Abril de 1940, no cinema Édén / Primeira exibição na Cinemateca.

Numa obra tão extensa (cerca de 70 longas metragens) e que atravessou cinco décadas de cinema (do mudo do final dos anos 10 às transformações dos anos 60) e vários contextos de produção (incluindo uma relevante incursão pelos estúdios ingleses e por Hollywood durante os anos da II Grande Guerra) é inevitável que existam na filmografia de Julien Duvivier bastantes oscilações e desequilíbrios. Como se escreveu numa destas folhas a propósito de outro filme de Duvivier, o percurso do realizador francês pode bem ser comparado ao do americano Michael Curtiz, profissional competentíssimo e respeitado no *métier* mas longe de ser considerado um autor de cabeceira pela geração de críticos da *politique des auteurs* praticada nos *Cahiers du Cinéma* ou na *Positif*. Mesmo se a última fase da carreira de Duvivier não tenha atingido os fulgores alcançados pelos seus melhores filmes dos anos 30 e 40, haverá no menosprezo a que foi votado a partir dos anos 50 uma flagrante injustiça decorrente da guerra de trincheiras no cinema francês que opôs os “jovens turcos” aos praticantes de uma “certa tendência do cinema

francês”. O próprio terá contribuído para essa menorização dada a sua resistência em ser visto como um artista e pelo pouco interesse na valorização dos seus filmes depois de concluídos. Desde que se estreou como assistente de realização de André Antoine em 1917 (dois anos depois assinava o seu primeiro filme, **Haceldama ou le prix du sang**) até à última obra com o seu nome, **Diaboliquement vôtre** (1967), Duvivier foi sempre um rigoroso, eclético e empenhado artesão que via o seu trabalho de cineasta com uma modéstia comparável a outros grandes mestres do cinema clássico mais afortunados pelos favores da crítica (os do público, melhor ou pior, nunca lhe faltaram).

Não será certamente por este extraordinário **La belle équipe** que Julien Duvivier ficou a merecer a reputação de representante do depreciativamente chamado “cinéma de papa”. Capaz de figurar entre a dúzia de obras primas assinadas por Duvivier (nada mal para um artesão aplicado...), **La belle équipe** pode ser visto como um dos melhores exemplos do naturalismo poético que dominou o cinema francês nos anos 30 e também como a tradução do espírito do tempo político trazido pela recente chegada da Frente Popular ao poder. Para ambos contribui decisivamente a figura carismática de Jean Gabin, encarnação perfeita do homem comum, cuja representação naturalista traz a ilusão da autenticidade muitos anos antes do Método. Para a construção do “mito” Gabin, muito contribuíram os heróis populares dos setes filmes que fez com Duvivier (e entre todos, **La belle équipe** será, a par do muito mais célebre **Pépé le Moko**, o que melhor fixa esse recorte mitológico do actor). Contribuição que Gabin retribuiria dizendo, numa entrevista em 1964, que apenas dois realizadores o tinham marcado – Jean Renoir e Duvivier – e chamando a este “o grande relojoeiro da profissão”. Não é pequeno o elogio, mesmo se a ênfase volta a ser dada ao carácter rigoroso e metuculoso do trabalho de Duvivier como realizador, mais do que ao seu génio criativo. E contudo não faltam demonstrações dessa genialidade em **La belle équipe**, sendo importante lembrar que além da realização tem também o *touch* de Duvivier o argumento (com o grande Charles Spaak) e as letras das canções.

Desde o seu canónico início - com a apresentação de cada uma das personagens dos cinco amigos, tão distintas entre si mas unidas pela pertença a uma mesma classe social e por uma amizade que é apresentada como uma forma de amor - até ao trágico desfecho, o filme de Duvivier é uma inspiradíssima variação da velha história de que o dinheiro não traz felicidade. Se é verdade que no prédio modesto do bairro popular onde vivem (ótimo décor de estúdio de Jacques Krauss, que no ano seguinte assinaria os maravilhosos cenários da *casbah* de Argel em **Pépé le Moko**) o dinheiro não abunda, existe apesar de tudo um mais valioso espírito comunitário que faz da liberdade, igualdade e fraternidade mais do que um mero slogan. E é ainda esse espírito que marca a passagem de *rags to riches* dos cinco amigos (é bem achada a montagem dos planos da troca de sapatos velhos por sapatos novos) graças ao prémio da lotaria. Depois da visão romântica de uma Paris proletária com a algazarra da festa de despedida no prédio com toda a vizinhança a comemorar o prémio, a personagem de “Jeannot” interpretada por Gabin - motor e centro inevitável do quinteto – idealiza a transposição do inseparável grupo da cidade para o campo e a transformação de desempregados em empresários com a abertura de uma *guinguette* (uma forma de restaurante e bar muito popular à época). E se as coisas até não correm mal ao princípio pois o desafio de transformar as ruínas de um casarão no *Chez Nous* (a escolha do nome do novo restaurante prenuncia a desunião futura quando é logo afastada a hipótese de dar um nome de mulher por ser “má sorte”) é vivido com jovialidade e solidariedade pelo grupo apesar das sucessivas adversidades (a partida de um deles para evitar um conflito de interesses amorosos, a tempestade que destrói o trabalho feito), a entrada em cena da Gina (impecável Viviane Romance, que só veremos novamente tão desprezível, também dirigida por Duvivier, no excelente **Panique**), a ex-mulher de “Charlot” que vem reclamar o seu quinhão do

prémio e a cujos encantos feminios “Jeannot” não consegue resistir, vem adensar a atmosfera de fatalidade iminente e augurar a possibilidade da divisão do grupo (também por isso juraríamos que à medida que o filme avança a abundância de planos gerais e de conjunto vai dando cada vez mais lugar a grandes planos e ao isolamento das personagens).

O dia da inauguração é já marcado pela fatalidade devido à morte accidental de “Tintin” quando colocava a bandeira dos trabalhadores no topo da *guinguette* e à partida forçada de Mario e da namorada (inocente contraponto feminino da cúpida Eva de Viviane Romance), o que deixa as personagens de Gabin e Charles Vanel (patético e comovente no seu desamparo de homem abandonado) a lidar sozinhos com a manipuladora Gina. E apesar da vitalidade do baile popular e do passeio no campo desse dia (com a canção “Quand on se proméne au bord de l’eau” a rimar com uma outra *partie de campagne*) estamos já inteiramente imersos no melodrama. Fiel à visão pessimista de tanto cinema francês do período (e Duvivier tem a sua quota parte de finais trágicos), o culminar da realização de um sonho colectivo dará lugar à sua destruição numa súbita irrupção de violência e morte (que, rompendo com o naturalismo até aqui dominante, Duvivier filma de forma sublinhadamente expressionista).

Será preciso ainda explicar o porquê do desajustado título português de **La belle équipe**. Não se trata de um delírio do distribuidor português mas sim de uma diferença entre duas versões do filme. Tendo filmado dois finais diferentes por imposição dos produtores, Duvivier viu o final pessimista que preferia preterido pelo *happy end* pretendido pela produção, no qual “Jeannot” e “Charlot” viram as costas a Gina (que seria então “a mulher que não vence”) em nome da sua “belle équipe”. Posteriormente à estreia, a versão do realizador acabou por triunfar e tornou o desenlace do filme mais fiel às intenções do argumento e à sua visão de cineasta. **La belle équipe** é uma tocante elegia por uma utopia. Uma utopia individual (a amizade acima de tudo o resto) e social (a beleza do trabalho colectivo e sem patrões) a que as palavras finais de um inconsolável Gabin põem termo: “Une belle idée qu'on avait eue. C'était trop beau pour réussir”.

Nuno Sena